

Alergia a proteína do leite de vaca e anafilaxia cruzada a pelo de boi e cavalo

Carolina Lopes de Melo, Fernanda Lacerda Santos Silva,
Fernanda Tormin Tanos Lopes, Samuel de Souza Sales, Lívia Isabela de Oliveira,
Carolina Miranda Carvalho, Marina de Andrade Lemos Pimenta, Wilson Rocha Filho*

Apresentação do caso: H.M.M., 6 anos, sexo masculino, acompanhando em serviço de alergia (2012-2018) devido a alergia à proteína do leite de vaca manifestada como anafilaxia desde os 9 meses de idade. Desde o diagnóstico, estava em dieta de exclusão do leite de vaca, com resposta satisfatória. Em fevereiro de 2014, após IgE para leite de vaca de 1,41KU/L, foi submetido a teste de provocação oral, que foi negativo, e então, reintroduzido o leite de vaca na dieta. Em janeiro de 2015, iniciou quadro de urticária difusa, edema de face, tosse, espirros e lacrimejamento sempre que se aproximava dos currais na fazenda da família. Novas IgEs foram solicitadas após suspeita de reação cruzada entre leite e pelos (IgE: leite de vaca 0,87 KU/L, caspa de boi 23,10 KU/L e caspa de cavalo 16,4 KU/L), que confirmaram quadro de anafilaxia a pelo de boi e cavalo. **Discussão:** As lipocalinas são proteínas originalmente classificadas como proteínas transportadoras, encontradas nos fluidos e secreções dos animais (pelo, caspa, saliva e urina), os quais facilitam a dispersão da lipocalina no meio ambiente necessário para que a proteína se comporte como alérgeno. O alérgeno Bos d 5, ao se unir às células da resposta imune, atua como mediador da captação do alérgeno Equ c 1 pelo receptor, facilitando a sua atuação alergênica no indivíduo. Esse mecanismo de sensibilização cruzada e facilitada permite que ocorra alergia a pelo, caspa, saliva e urina de cavalo secundários a APLV. **Comentários finais:** A união dos anticorpos IgE a epítopos semelhantes de alérgenos homólogos é realidade entre os alérgenos lipocalinas. Conhecer e prever as possíveis reações cruzadas é, no atual momento, um grande e importante desafio.

* Hospital Infantil João Paulo II - FHEMIG, Belo Horizonte, MG.



Avaliação de crianças e adolescentes submetidos a teste de contato com bateria padrão no Hospital da Criança de Brasília José Alencar de 2013 a 2017

Maria Luiza Abreu Curti, Antônio Carlos T. Macêdo,
Karolline Lira Maia de Sousa, Cláudia França Cavalcante Valente,
Eduardo Alberto de Moraes, Ícaro Tavares de Almeida, Maria Rosa Rêgo de Oliveira,
Thales da Silva Antunes, Clarissa de Lima Honório, Mônica de Araújo Álvares da Silva*

Racional: A dermatite de contato alérgica em crianças e adolescentes é uma doença cada vez mais prevalente, porém com dados ainda escassos para essa população no Brasil. O objetivo do estudo é avaliar o perfil de pacientes que realizaram teste de contato com bateria padrão brasileira no Hospital da Criança de Brasília José Alencar entre outubro de 2013 a dezembro de 2017, indicados por suspeita de dermatite de contato alérgica, bem como descrever os principais resultados encontrados no teste. **Métodos:** estudo transversal de avaliação de resultados dos testes de contato realizados em pacientes entre 0 e 18 anos incompletos, em um hospital terciário da rede pública do Distrito Federal, utilizando análise de prontuários e banco de dados do setor de alergia infantil. **Resultados:** Foram realizados um total de 62 testes, dos quais dois foram excluídos por apresentarem dados incompletos para análise. Dentre os 60 testes avaliados, 83% dos pacientes eram atópicos. 65% dos pacientes possuíam algum grau de dermatite atópica, sendo que 33% apresentaram resultado positivo. A positividade dos testes foi de 50% entre os exames realizados e a maior prevalência ocorreu entre adolescentes do sexo feminino. Testes negativos ocorreram em 45% dos pacientes, inconclusivos em 3,33% e um paciente (1,66%) apresentou irritação local. Das 30 substâncias testadas, o sulfato de níquel foi a substância mais frequente nas reações (44,1%) seguido pelo cloreto de cobalto (9,3%). **Conclusões:** A padronização dos estudos possibilitaria melhor avaliação da frequência de alérgenos envolvidos na dermatite de contato na população pediátrica. Esse conhecimento facilita ações de prevenção precisas, adequação da bateria padrão para a população pediátrica e pode nortear o desenvolvimento de produtos seguros para essa população.

* Hospital de Base do Distrito Federal.



Mitos, medos e preconceitos em alergia – Análise de comentários enviados ao Blog da Alergia

Guilherme Rodrigues de Souza Mattos, Bianca de Lima de Oliveira*

Introdução: O Blog da Alergia é publicado de forma ininterrupta pela equipe da Clínica de Alergia da Policlínica Geral do Rio de Janeiro desde 01/10/2006, com objetivo de oferecer ao público informações sobre as doenças alérgicas, formas de tratamento e prevenção. Atualmente possui extensões virtuais, incluindo página no Facebook e conta no Twitter. **Método:** O Blog da Alergia oferece 2 canais principais de diálogo com o público: através do blog, via e-mail; e através de comentários que não exigem identificação do remetente e que ficam ao alcance do público. Do total de 17.803 arquivados, foram escolhidos de forma aleatória 5.412 comentários enviados ao Blog e analisados fatores que poderiam indicar medos, mitos e preconceitos. **Resultados:** Os 5.412 comentários selecionados (30,4%) enfocavam temas variados como: Alergia, Asma, Rinite, D. atópica, Tosse, entre outros. Os três temas mais procurados foram: Medicamentos usados para tratar alergias, 2.026 (37,4%); Alergia a medicamentos, 1.044 (19,2%); e Rinite, 341 (6,3%). Os medos mais expressados foram relacionados ao risco das medicações, em especial corticoides: morte, vício e efeitos. Destaca-se aqui a alergia a AINEs: ao ser orientado da reação cruzada analgésicos x AINEs, os internautas temiam “ter se tornado alérgico”. Entre os mitos, o destaque foi a crença de que as alergias eram causadas por corantes de alimentos e fármaco em sua maioria, seguido da indicação de chás e remédios caseiros. No quesito preconceito, ressaltou a proibição a gelados, pisar no chão e relacionados à vida ao ar livre. **Conclusão:** É notório o avanço terapêutico das doenças alérgicas, mas ainda persiste desconhecimento do público, gerando medos e preconceitos em especial sobre as medicações inaladas. O conhecimento dessas dúvidas pode permitir um enfoque de tratamento mais específico, gerando maior aderência do paciente e seus familiares.

* Faculdade de Medicina de Petrópolis, RJ.



Uso de bloqueadores de IgE para o tratamento da alergia - Testes *in vivo*

Débora Mothé de Campos Mesquita, Giliane da Silva Souza Cabral,
Marinete Pinheiro Carrera, Arthur Giraldo Guimarães, Olga Lima Tavares Machado*

Os principais alérgenos de *Ricinus communis* são Ric c1 e Ric c3. Esses alérgenos apresentam reação cruzada com alérgenos de trigo, soja, gergelim, milho e amendoim. Nestes alérgenos foram identificados seis epitopos de ligação a IgE e dois resíduos de ácido glutâmico, em cada epitopo, foram importantes para promover a ligação cruzada do alérgeno com as moléculas de IgE que desencadeiam a alergia. Em trabalhos anteriores demonstramos que o ácido glutâmico livre pode se ligar a sítios de interação com IgE, prevenindo a ligação do alérgeno IgE e a posterior deflagração do processo alérgico decorrente da desgranulação dos mastócitos. Este estudo tem como objetivo avaliar o uso de ácido glutâmico livre e ácido glutâmico modificado como agentes bloqueadores de IgE para o tratamento da alergia. Para obtenção de Ric c 1 e Ric c 3, o extrato bruto de sementes de mamona foi submetido à cromatografia de filtração em gel. Os camundongos foram imunizados com estas proteínas e o soro foi usado como fonte de IgE. Para avaliar a resposta alérgica, utilizou-se a degranulação de mastócitos e o teste de ELISA. Nós também avaliamos o efeito convulsivo e o efeito depressivo dos análogos do glutamato pelo teste do tempo de sono em camundongos BALB/c intraperitoneais. Verificamos que o ácido L-glutâmico e compostos derivados deste aminoácido se ligam à IgE, bloqueando totalmente a interação da IgE com os alérgenos da mamona. O ácido D-glutâmico não foi capaz de bloquear a interação, mostrando a estereoespecificidade desta imunoglobulina. Durante os testes de convulsão observou-se que nenhum grupo de animais tratados com os possíveis agentes bloqueadores, apresentou convulsão. Além disso, os compostos não induziram potenciação do tempo de sono nos animais durante o teste. Em conclusão ácido glutâmico e moléculas derivadas testadas são bloqueadores da IgE, conferindo propriedades que os tornam elegíveis para o desenvolvimento de uma nova abordagem para o tratamento da alergia.

* Universidade Estadual do Norte Fluminense.